

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Memória e território: confluências contracoloniais a partir do cinema e do urbanismo

Memory and territory: countercolonial confluences from cinema and urbanism

Memoria y territorio: confluencias contracoloniales desde el cine y el urbanismo



Matheus Guimarães Costa

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

guimaraesmc7@gmail.com



Alex Santana França

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

asfranca@uefs.br

Resumo: O presente relato visa explorar a relação existente entre a memória e a formação dos espaços, através do cinema, bem como enfatizar a função da universidade, e mais especificamente da extensão, no enfrentamento às imposições neocoloniais, tomando como referência teórica o trabalho de Antônio Bispo dos Santos e outros pesquisadores na mesma abordagem conceitual. Pensando o cinema como uma ferramenta pedagógica potente, compartilha-se a experiência referente ao cine-debate intitulado “Cidade axé”, promovido pelo projeto de extensão Cinema: subjetividade, cultura e poder, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como atividade prevista no plano de trabalho do estudante Matheus Guimarães Costa, orientado pelo Prof. Dr. Alex Santana França. Através da

seleção, exibição e discussão dos filmes selecionados, foi possível ressaltar a importância de se valorizar as culturas diversas, sobretudo de povos negros e indígenas no território brasileiro.

Palavras-chave: educação; cinema; extensão universitária; memória; território.

Abstract: The present report aims to explore the relationship between memory and the formation of spaces, through cinema, as well as to emphasize the role of the university, and more specifically of extension, in confronting neocolonial impositions, taking as theoretical reference the work of Antônio Bispo dos Santos and other researchers in the same conceptual approach. Thinking about cinema as a powerful pedagogical tool, the experience regarding the cine-debate entitled "Cidade axé", promoted by the extension project Cinema: subjectivity, culture and power, Associated with Feira de Santana State University, as an activity foreseen in the student work plan Matheus Guimarães Costa, supervised by Prof. Dr. Alex Santana França. Through the selection, exhibition and discussion of the selected films, it was possible to emphasize the importance of valuing diverse cultures, especially of black and indigenous peoples in Brazilian territory.

Key-words: education; cinema; university extension; memory; territory.

Resumen: El presente informe tiene como objetivo explorar la relación entre la memoria y la formación de espacios, a través del cine, así como enfatizar el papel de la universidad, y más específicamente de la extensión, en el enfrentamiento a las imposiciones neocoloniales, tomando como referencia teórica el trabajo de Antônio Bispo dos Santos y otros investigadores en el mismo abordaje conceptual. Pensando en el cine como una poderosa herramienta pedagógica, compartimos la experiencia del cine-debate titulado "Cidade axé", promovido por el proyecto de extensión Cine:

subjetividad, cultura y poder, de la Universidad Estadual de Feira de Santana, como actividad prevista en el plan de trabajo del estudiante Matheus Guimarães Costa, supervisado por el Prof. Dr. Alex Santana França. A través de la selección, exhibición y discusión de las películas seleccionadas, fue posible enfatizar la importancia de valorar las diversas culturas, especialmente de los pueblos negros e indígenas en el territorio brasileño.

Palabras clave: educación; cine; extensión universitaria; memoria; territorio.

Data de submissão: 21/06/2022

Data de aprovação: 12/09/2022

1. Introdução

Aqui nesse momento desarmamos o nosso corpo coletivo, e como máquina de guerra, nós aqui desistimos das memórias trágicas. Olhamos para frente e continuamos um futuro em que possamos recriar nossa existência (SILVA, 2019, p. 14).

O cinema, além de um meio eficaz de acesso à cultura, tanto no sentido da arte quanto em seu significado mais amplo, ou seja, cultura enquanto modos de viver, é também uma linguagem artística potente para mobilizar subjetividades, pois permite diferentes reflexões sobre o que é um ser individual e social. Dessa forma, para além da apreciação e do prazer estético, por meio do cinema também entramos em contato com diversas existências e experiências, ora distintas da realidade cotidiana do espectador, ora similares aos seus enfrentamentos diários (NUNES; RIBEIRO, 2017).

Tal identificação e/ou estranhamento do espectador em relação a um filme pode e costuma ser explorado pelas atividades cineclubistas e por inúmeros educadores que enxergam no cinema um instrumento pedagógico de força mobilizadora, visto que é uma possibilidade de troca entre o estudante, a produção audiovisual e a sociedade, sob a mediação dos professores, educadores e cineclubistas, já que o audiovisual é capaz de cativar sujeitos sociais de diferentes idades devido a sua dinamicidade, e também por ser uma forma mais lúdica e inebriante de conduzir uma conversa com intenções educativas bem traçadas.

A utilização de recursos imagéticos em espaços escolares por docentes de diversas áreas do conhecimento despertou e ainda vem despertando debates e discussões a respeito da relevância do conteúdo audiovisual na realidade atual (MELLO, 2011). A disseminação das fotografias, vídeos, filmes de diversas durações e estilos, vinhetas, documentários nas salas de aula evidenciaram a necessidade de utilizar tal conteúdo de maneira crítica e associando às temáticas abordadas pelos professores, permitindo uma reflexão que parta da experiência vivida, da apreciação crítica dos aspectos trazidos pelo visual apresentado e que perfuram a subjetividade dos indivíduos, detendo a reprodução de preconceitos que se originam da ideologia hegemônica, viabilizando uma relação equivocada entre senso comum e o saber científico (BOCK, 2008). Nesse sentido, inúmeros projetos e atividades cineclubistas vêm sendo realizados no Brasil ao longo do tempo a fim de atingir esse propósito. Exemplo disso é o projeto de extensão "*Cinema: subjetividade, cultura e poder*", associado ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com a coordenação geral da Profa. Dra. Ivone Maia de Mello.

Objetivando oferecer aos discentes, educadores, funcionários da instituição e comunidade externa, possibilidades para tecer análises e reflexões a respeito da feitura de subjetividade atualmente, articulando ensino, pesquisa e extensão a partir do cinema. O projeto busca criar espaços educativos de conversa horizontalizados a

partir de produções fílmicas de diferentes épocas, contextos e lugares do mundo, insere-se em uma perspectiva extensionista, na medida em que é um processo que repensa as demandas da população local por meio da ação voltada para a comunidade. Principiando na necessária indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, essas atividades possuem o mesmo valor acadêmico para as instituições, entendendo-as como dimensões de um processo de aprendizagem, orgânico e contínuo. Sendo assim, a universidade, que abriga uma enorme quantidade de jovens, molas propulsoras de mudanças sociais, e ainda enquanto instituição inserida em um contexto social específico, deve usar suas ferramentas internas para possibilitar intervenções nas realidades que atravessa e nas pessoas acolhidas nesse espaço. Entendendo, portanto, que a ação extensionista, por relacionar-se com o todo, ampara o trabalho interdisciplinar (COSTA; SANTOS, 2015), a interdisciplinaridade, característica de fato, iminente no nosso projeto de extensão, é evidenciada como alvo a ser sempre alcançado.

Construção teórico-prática e organização do evento extensionista

Para pensar a ação da universidade através da extensão é importante refletir acerca da maneira como essa comunicação é exercida. Visto que, a Academia possui uma linguagem muitas vezes formal e com muitos entraves em

cada processo, editais, normativas e metodologias adotadas. Logo, entendendo que a sociedade, diante das suas complexidades e nuances, comunidades e culturas diversas, não deve obrigatoriamente se adaptar ao fazer acadêmico e sim o contrário. Patrícia Costa e Sônia Santos (2015) destacam que:

É fundamental perceber a interlocução existente na construção cotidiana da cultura na extensão universitária quando se estabelecem os diálogos tanto de compreender os limites do multiculturalismo, em não impor as pretensões em realizar a cosmovisão sob sua égide de crenças teóricas, mas encontrar a dimensão de compreensão do mundo sob a visão do diálogo fluente no fazer da universidade e seu viés extensionista de comunicação com o produto/produção do conhecimento acadêmico e popular (COSTA; SANTOS, 2015, p. 8).

No trecho acima as autoras trazem uma opinião cuidadosa diante dos limites universitários em relação com a comunidade ao qual está inserida, nos fazendo refletir sobre a importância de repensar o fazer acadêmico diante dos reais propósitos da educação, principalmente, quando se trata das realidades de povos cujas culturas não foram valorizadas e respeitadas pela ação colonizadora. Mais uma vez, ressalta-se, assim, diante do até então exposto, que o conteúdo audiovisual surge como uma possibilidade de linguagem mais acessível ao público geral, não necessariamente especializado na área, pela sua dinamicidade, com um poder de alcance enorme, servindo, portanto, como ferramenta pedagógica eficiente.

O presente relato tem o objetivo de compartilhar uma das mais recentes experiências realizada dentro do projeto de extensão “Cinema: subjetividade, cultura e poder”, eixo “Cinema, educação e decolonialidade”, coordenado pelo Prof. Dr. Alex Santana França, o cine-debate “Cidade axé”, realizado no dia 29 de abril de 2022, de forma remota, que integra o evento “Mapeando tecnologias de um corpo-terra do futuro”, idealizado e organizado pelo estudante Matheus Guimarães Costa, sob a orientação do Prof. Dr. Alex Santana França. Essa atividade é uma das ações planejadas por ele, atualmente cadastrado como voluntário no Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX-UEFS), dentro do seu plano de trabalho intitulado “Arquiteturas da memória: caminhos possíveis para a cidade a partir da educação, cinema e decolonialidade”, para o ano de 2022.

Partindo da necessidade de discutir sobre a importância da memória para a manutenção e continuidade de povos, sujeitos e culturas, que habitam e preenchem os espaços da cidade, sobretudo ambientes educativos, comunidades quilombolas e terreiros de candomblé, também chamados de axé, para o cine-debate “Cidade axé”, selecionamos alguns filmes contemporâneos que exploram essa temática para serem exibidos durante o evento e discutidos em debate pós-exibição: “Samba Junino - de porta em porta” (2020), média metragem com duração de cinquenta minutos, que apresenta o percurso histórico de uma manifestação cultural de Salvador, que foi declarada

em 2018 como Patrimônio Cultural e Imaterial de cidade, capital da Bahia. A produção audiovisual reúne imagens e depoimentos dos diversos grupos, cantores, dançarinos, músicos, percussionistas, com relatos associados aos mais de 40 anos de existência dos festivais, onde dão vida aos cortejos pelas ruas dos bairros populares soteropolitanos – instigando outras manifestações culturais locais e valorizando as tradições nordestinas, movimento nascido dentro do espaço conhecido como “Terreiro de Jagum” e que depois ganhou proporções maiores ao se expandir para as ruas próximas. Além desse filme, mais três curtas-metragens, que objetivam reverter as imagens muitas vezes estereotipadas dos sujeitos negros e indígenas, bem como evidenciar a importância da memória para a continuidade existencial desses sujeitos, compuseram a programação do evento: “Nascente” (2020), direção e produção de Safira Moreira, com cinco minutos de duração, com cenas que articulam dança, rituais de axé e familiares; “A Roda” (2021), direção e produção de Juh Almeida, com dois minutos de duração e narração da cantora Larissa Luz. Chamado de vídeo-manifesto, ele foi reproduzido na abertura da Afropunk Bahia 2021, primeira edição do festival internacional Afropunk em terras brasileiras, realizado no Centro de Convenções da capital baiana, Salvador. Nascido nos Estados Unidos, mais especificamente no bairro do Brooklin, na cidade Nova Iorque, o festival tem como objetivo disseminar a potência musical, política e poética de pessoas negras em diversos lugares do mundo. Já

“Não falaremos sobre o fetiche em nós” (2021), com duração de um minuto, usado na abertura do álbum audiovisual POSS, traz diversos artistas negros brasileiros, cantando diversos ritmos musicais diferentes e ressalta a importância de não alimentarmos ideais fetichistas sobre corpos negros.

Além dos filmes, sempre indicamos textos para cada cine-debate, que servem como complemento ou orientação aos assuntos e abordagens apresentados. Neste caso, escolhemos: *“Somos da Terra”* (2020), de Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nêgo Bispo, e *“Exu Tranca Rua das Almas”* (2020), escrito por Castiel Vitorino Brasileiro. No primeiro, o escritor retrata a relação do Estado brasileiro com as comunidades quilombolas, cujos modos socioculturais são fundamentados na oralidade, no pertencimento ancestral a terra e no uso do território para o cultivo. Já o segundo texto, que possui uma estrutura argumentativa relativamente distinta dos textos acadêmicos comumente escritos (elaborado em tópicos, alguns bem curtos como uma frase, e outros longos com parágrafos grandes), ajudando a rasurar o padrão das normas técnicas de escrita acadêmica aplicadas nas universidades. Abrange várias temáticas, como racialidade, cura, religiões afro-brasileiras e caminhos para liberdade a partir dos saberes de Exu, além de apresentar um repertório epistemológico afrocentrado, a exemplo do baraperspectivismo. O baraperspectivismo é um saber que se origina da filosofia bantu, que determina todo o comportamento dos povos bantu, que habitam a região ao

sul do deserto do Saara, no continente africano e compõem mais de trezentos subgrupos étnicos. Ele pode ser delineado como uma pulsão de afirmação do pensamento preto, da alegria como um princípio africano de estar no mundo e, portanto, de construir concepções e “teorias-tochas” que iluminam questões essenciais para o pensamento preto, como o afeto, religiosidade, cultura e história da ciência (SANTOS, 2006). De acordo com Rodrigo Santos (2006), é o pensamento que Bara (o rei do corpo) propõe ao logos, a percepção da geração, do início, o entendimento da verdade, os impulsos à racionalidade. Bara é também entendido como a dimensão ancestral associada a Exu (SANTOS, 2006).

Para participação no debate, convidamos Geovânio Silva do Nascimento, Professor de Língua Espanhola, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), campus Serrinha, e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com ênfase em Linguística de Corpus e Estudos da Tradução. Os filmes abordam de formas distintas relações do espaço com a memória, a partir de diversos elementos, porém, diante da necessidade de pensar a função da educação no modo de retomada e continuidade ao qual as produções incitam. A presença e participação do educador Geovânio Silva do Nascimento, trazendo suas perspectivas enquanto professor e seus desafios diários na profissão, relacionando-os com os filmes selecionados, foram extremamente relevantes.

O tema indicado para o cine-debate em questão nos é de relevante interesse, para Matheus Guimarães Costa, enquanto estudante de graduação em Engenharia Civil e inserido em uma comunidade de terreiro, para Alex Santana França, enquanto pesquisador das culturas afro-brasileiras e dos espaços no cinema. Acreditamos que os espaços de axé são importantes locais de análise e confrontação de histórias de resistência ao processo colonial europeu cristão brancocêntrico e de manutenção de memórias individuais e coletivas. Além de sua influência dentro da conjuntura urbana de cidades como Salvador.

A reunião das obras selecionadas para compor esse encontro partiu da intenção em evidenciar a relação que existe entre a memória e a constituição/ delimitação de espaços. O território é uma moeda de troca bastante disputada e a cultura é como a movelaria que integra uma casa. Com sua própria arquitetura, suas formas e contornos, a cultura preenche os lugares e dá sentido a eles. Logo, um espaço colonizado habitado por indivíduos não pertencentes a essa tal cultura imposta, é um espaço sempre em disputa, diante da urgência em impedir tal violência colonial, ou, pelo menos, tentar retornar ao que se foi. Como argumenta a pesquisadora Denise Ferreira da Silva, no livro *"A dívida impagável"* (2019), é conviver com a tentativa de refazer-se a partir da colonialidade e escapar do caminho que nos conduz para a morte", traduz esse movimento que se origina no sujeito que não se conforma com a delimitação espacial, subjetiva, religiosa e afetiva que

a colonização impôs e continua impondo em grupos discursivamente racializados (SILVA, 2019).

Pensando a relação espaço-memória a partir das produções audiovisuais selecionadas

Segundo Rogério Heasbaert (2020), a caracterização de território em um contexto anti-hegemônico extrapola o da comum aproximação à lógica estatal e se alarga, percorrendo por muitas escalas, porém, dando uma centralidade e importância para a defesa da vida, da existência ou de uma ontologia terrena/territorial, buscando desvincular-se do legado deixado pelo modelo capitalista extrativista moderno-colonial, cujo foco é a devastação e genocídio que, até hoje, tensiona e ameaça a existência de sujeitos originários e negros (HEASBAERT, 2020). Logo, o espaço pode ser pensado a partir de uma outra lógica, numa relação com sua produção menos associada à técnica e mais conectada com a dimensão imaterial, dos significados e subjetividades que a compõem. Sendo esta parcela diretamente influenciável na sua dinâmica. No livro *"A produção do Espaço"*, Henri Lefebvre (2006) faz uma consideração provocante sobre o alcance do corpo na elaboração dos lugares:

O corpo, com suas capacidades de ação, suas energias, faria o espaço? Sem dúvida, mas não no sentido em que a ocupação “fabricaria” a espacialidade - no sentido de uma relação imediata entre o corpo e seu espaço, entre o desenvolvimento no espaço e a ocupação do espaço. Antes de produzir (efeitos, na matéria, nos instrumentos e nos objetos), antes de se produzir (se alimentando) e de se reproduzir (pela geração de um outro corpo) cada corpo vivo é um espaço e tem seu espaço: ele aí se produz e o produz. (LEFEBVRE, 2006, p. 238).

Nesta lógica abordada, o corpo não só produz o espaço que entra em contato, como ele próprio pode ser observado enquanto território. Logo, ao trazer tal análise para a realidade brasileira, país que foi colonizado e presencia genocídios desde sua formação enquanto nação, é possível perceber a relação desordenada entre “desenvolvimento” e preservação presente no imaginário coletivo da população e nas ações da esfera pública.

Segundo Antônio Bispo dos Santos (2020), indígenas e quilombolas, em território brasileiro, só são considerados sujeitos a partir da Constituição de 1988. Até então, o título de quilombola gerava uma associação imediata à criminalidade e o de indígena à selvageria. A Constituição de 1988 postula que esses povos têm direito à regularização de suas terras através de documentos escritos – o que se configura como uma agressão, diante do fato de essas sociedades historicamente serem de tradição oral. Os contratos para a maioria dos povos negros e indígenas, seguindo as suas heranças ancestrais, eram feitos através da oralidade, pois a sua relação com a terra se estabelecia

por meio do cultivo, pensando na preservação da fauna e da flora e do contato com os espíritos da natureza. Nessa lógica, a terra não lhes pertencia, eles é que pertenciam à terra. Nas tradições quilombolas, a escrita possui um papel secundário, logo a palavra, a atitude, é que determinam o poder sobre a terra. Quando o colonizador impõe sobre um território e sobre um povo uma legalidade, baseada nos seus parâmetros coloniais, estabelece-se uma violência imensurável, pois retira-se a possibilidade de disputa dos grupos que estão sendo removidos do seu espaço, pois os obriga a conhecer suas ferramentas para poder lhes pertenceu, intitulado-os muitas vezes como posseiros.

Há uma ideia potente de reelaboração cultural, espacial e educativa diante das imposições coloniais, ainda proposta pelo escritor Antônio Bispo dos Santos (2018), em que ele parte do lugar de homem afrodiaspórico morador da comunidade Saco do Curtume, no Piauí, refletindo sobre a relação do Estado brasileiro com os quilombolas e buscando ferramentas de pensar a continuidade da sua cultura e do seu povo:

A surpresa para os colonialistas e a felicidade para nós é que, quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos. Encontramos relações com a natureza parecidas com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e nos pensamentos. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Pelos nossos modos, a gente se entendeu.

[...] Mas nós também estamos discutindo a contracolonização. Para nós, quilombolas e indígenas, essa é a pauta. Contracolonizar. No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolonização (SANTOS, 2018, p.45).

Pensar uma confluência entre saberes se faz uma grandiosa proposta, visto que a convivência entre grupos de diferentes dinâmicas, etnias e modos de viver é inevitável, logo, violentar e impor um conhecimento, apagando suas memórias ou diminuindo epistemologicamente seus saberes por meio de uma educação racista, não é uma opção aceitável. Faz-se necessário, então, apresentar olhares mais atentos e propor ações eficazes para os povos indígenas, comunidades quilombolas e terreiros de axé, não só por meio de uma reformulação no sistema educacional, como nas instituições em geral e nas mídias, visto que os corpos que habitam esses espaços carregam outras maneiras de estar e trocar com a terra, muitas vezes mais justas e menos destrutivas.

As comunidades de terreiro, por exemplo, se relacionam intimamente com os bairros e agrupamentos populacionais ao redor, salvaguardam as tradições africanas ressignificadas no Brasil por meio de simbologias, traços culturais e valores transmitidos por meio das gerações. O documento, produzido durante a Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CONAPIR), reconhece que tais comunidades, apresentando formas específicas de relações sociais, econômicas, políticas e humanas, e por estabelecerem uma tentativa harmônica de convivência com a natureza, tiveram enorme influência nos hábitos da vida nacional, propondo uma feitura coletiva do espaço social (GUIMARÃES, 2018).

Além das relações produtivas que tais comunidades possam ter com o território, a dimensão da cultura é também importante, tratando-se de inúmeras religiões, danças, idiomas, vestimentas e relações organizacionais. O filme *"Samba Junino - de porta em porta"*, justamente, visibiliza a luta da população soteropolitana em defesa da validação da festa popular do samba junino como patrimônio cultural na Prefeitura de Salvador. A partir de comemorações que aconteciam em ambiente domiciliar em homenagem e adoração aos santos juninos, especialmente às ocorridas nos terreiros de candomblé de Salvador, é que surgiu O Samba Junino. Com o final da década de 1970, logo que o espaço do terreiro já não abrangia a enorme quantidade de pessoas que frequentavam a essa

festividade, os foliões, após as rezas, tomavam as levando as cantigas e aproveitando os banquetes (MATOS, 2020).

O Samba Junino, cujos ritmos, traços musicais e modos, advém do samba de caboclo, é ancorado nos saberes da cultura afro-brasileira, tendo o tambor como instrumento essencial na sua realização e importância simbólica, assim como muitas cantigas presentes nos repertórios dos sambas, entoadas tradicionalmente, originam-se dos terreiros de candomblé, sendo hoje pertencentes também ao domínio e conhecimento público. A vivência dos músicos e dos sujeitos que participam dos eventos é o meio de transmissão de tais aprendizados, por meio da oralidade, observação, experimentação e ainda os passos de dança. A casa pertencente à família Bafafé, localizada no Engenho Velho de Brotas, é um dos lugares que protagonizou o princípio do Samba Junino, onde também se estabelece o Ilê Axé Ogun Alabeji, comumente chamado por Terreiro de Jagun, de matriz ijexá. Dona Amélia de Iemanjá, zeladora do axé, foi uma das organizadoras do festejo mais importante da sua história, estando nesta função por 93 anos (MATOS, 2020). Segundo os relatos apresentados no filme, os festejos iniciam-se com homenagens e rezas a Santo Antônio, depois havia a espetáculo dos “jazes” - músicos contratados que, pouco a pouco foram substituídos pela radiola -, e nos momentos finais ocorre o samba “duro” (que como os próprios irmãos relatam – os homens não rebolam, ou seja, mantinha postura ereta, sem movimento do quadril e sem muito movimento dos braços).

Segundo o Plano de Salvaguarda construído em 2020 pela Fundação Gregório de Matos (FGM), alguns bairros específicos mantém a tradição do Samba Junino com mais dedicação, principalmente os que possuem uma grande quantidade de terreiros de candomblé, sendo eles o Engenho Velho de Brotas, bairro do Engenho Velho da Federação, Tororó, Ogunjá, Fazenda Garcia, e suas regiões próximas. Alguns outros bairros, ao longo dos anos, foram se contagiando com a manifestação cultural, como o bairro da Liberdade, Vale das Pedrinhas, Alto das Pombas, Nordeste de Amaralina, Santa Cruz, assim como Canabrava, Cajazeiras e Águas Claras.

Foi solicitado à Fundação Gregório de Matos – FMG, pelos detentores do Samba Junino, a identificação da manifestação cultural em questão, por meio da Lei Municipal n.º 8.550, de 28 de janeiro de 2014, que estabelece normas de salvaguarda e fomento à preservação do patrimônio cultural do município de Salvador, e em 2018 eles conseguiram esse reconhecimento (MATOS, 2020). Tal institucionalização, por mais que esteja associada as exigências neocoloniais para a cidade e até para os bens imateriais, como o samba, continua sendo um importante instrumento de reconhecimento e sobrevivência do Samba Junino, já que oferece, de alguma forma, certa emancipação dos grupos para a captação de recursos e realização de atividades, por meio da regularização dos ensaios e desfiles, com licenças primordiais a sua realização junto aos órgãos municipais. Visto que as manifestações culturais e urbanas

devem seguir tal ordem do estado, e ainda montagem de estrutura básica (iluminação, banheiros químicos, segurança) e organização de trajetos, dias e horários.

O filme é construído através de muitas imagens das pessoas dançando, sobretudo pessoas pretas e pardas, enquanto se entoam as cantigas nas rodas de samba, com muita animação nas ruas de diversos bairros, aliadas a densos relatos sobre a origem do movimento, sobre a transmissão desses saberes entre os familiares e sobre a relação de afeto, beirando a devoção, para com o Samba Junino. Sendo um elemento muito ligado ao território, que nasce em um espaço de axé e se propaga pelo espaço da cidade, evidenciando como o terreiro, neste caso, influencia na própria conformação urbana e na produção de espaços afrodiaspóricos no Brasil.

Já "*Nascente*" (2020) e "*A Roda*" (2021) trazem a memória enquanto elemento primordial nas imagens. O primeiro curta metragem apresenta muitos instantes sutis e silenciosos em uma filmagem plano-sequência apreciável pela sua delicadeza, em que a captação de imagem é feita pela própria Safira Moreira, diretora da obra. As cenas carregam elementos importantes utilizados nos rituais de cura de terreiro, como pipoca, fios de conta, vela, folhas pelo chão, dança, corpo em movimento, defumação e por fim mulheres negras de diversas idades diante do espelho, uma delas com um bebê nas mãos, fazendo remeter ao espectador à continuidade, onde tais elementos trazidos são tecnologias ancestrais, repassadas pela oralidade, de criação

de futuro, e distanciamento de uma memória trágico-colonial. Assim como é abordado no texto presente na epígrafe, em que retomar memórias passadas é também se apropriar dessas maneiras de resistir às violências diversas que possam acometer seus corpos. O segundo curta metragem, por sua vez, tem como foco a compreensão da dança enquanto ritual, cujos movimentos ancestrais se utilizam do corpo como instrumento para realização das celebrações de crenças afro-brasileiras, como um pedido de licença do Festival Afropunk para chegar em terras brasileiras. Visto que tal festa, construída e organizada por pessoas pretas, com artistas negros, em um espaço de compartilhamento de vivências pensado a partir da questão racial, acontece em muitos lugares do mundo.

Durante a conversa, que durou duas horas, exploramos diversos aspectos dos contextos sociocultural e étnico-racial brasileiros, refletindo sobre as estratégias de contracolonização atuais, tal qual propõe Antônio Bispo dos Santos, cujo trabalho foi bastante citado pelos participantes. Conversamos sobre a dança e seus impactos na subjetividade afro-indígena, assim como também sobre a importância de se buscar as próprias alternativas para a cura. Visto que, imersos em um contexto de país colonizado, foram impostos modos de vida violentos a esses corpos. Ainda foi possível debater a respeito do papel da universidade nessa dinâmica de resgate e valorização dos saberes negros e indígenas, já que o racismo institucional se desenvolveu e ainda se propaga no corpo dos centros

educativos públicos, fazendo com que as populações negras e indígenas reivindiquem incessantemente referências que estejam no caminho divergente a conteúdos brancocêntricos. Nesse sentido, o professor Geovânio Silva leu poemas e textos de sua autoria que resgatam suas memórias de infância e constroem caminhos literários de autocompreensão e continuidade. Já que a língua e a literatura são também alternativas de (re)criação de mundos.

O debate também foi extremamente potente na discussão dos temas que atravessam as questões de território e importância da memória nos processos de subjetivação e criação de espaços, garantindo seu caráter interdisciplinar. Visto que foi possível relacionar com áreas diversas, a exemplo da Educação, do Urbanismo, da Psicologia, de Letras e do Cinema. A atividade contou com a presença de profissionais e estudantes de todas as áreas do conhecimento citadas, que trouxeram suas leituras e experiências espectatoriais, oriundas de diversos locais, possibilitando pensar como cultura afeta a cidade e os sujeitos, e ainda como práticas educativas anti-hegemônicas são potentes no processo de construção de uma universidade mais democrática. Dentre os inscritos no evento, muitos discentes e docentes da própria Universidade Estadual de Feira de Santana, assim como da Universidade Federal da Bahia.

4. Considerações Finais

Consideramos que a atividade de extensão realizada dentro do Plano de trabalho intitulado “Arquiteturas da memória: caminhos possíveis para a cidade a partir da educação, cinema e decolonialidade”, do estudante Matheus Guimarães Costa, sob a orientação do Professor Dr. Alex Santana França, descrita nesse relato de experiência, foi extremamente importante para todos os sujeitos envolvidos e participantes. Para a formação universitária de Matheus Guimarães Costa, enquanto estudante de graduação de Engenharia Civil, pois agregou ao conhecimento técnico e tecnicista oferecido pelo curso, um saber a partir de uma perspectiva mais humanística, com um olhar mais atento para a constituição dos espaços urbanos, em especial para a área da Construção Civil, visto que através dela as estruturas cidadinas tomam forma, e também para o Urbanismo, uma ciência humana, multidisciplinar, relacionada ao estudo, regulação, controle e planejamento de cidades. Para a atuação enquanto professor e pesquisador de Alex Santana França, que considera o cinema um veículo e ferramenta de ensino-aprendizagem necessário, pois oportuniza focar os aspectos socioculturais, históricos, literários e políticos de uma sociedade, com a finalidade de proporcionar uma formação integral aos cidadãos. Para a universidade, como espaço de troca e diálogo com a comunidade acadêmica e externa, possibilitando transformações possíveis nos diversos contextos atravessados. E, para a sociedade como

um todo, que se beneficia do conhecimento produzido e compartilhado coletivamente, além das modificações estruturais decorrentes das mobilizações sociopolíticas mais conscientes e engajadas pelas novas narrativas e discursos.

O cinema, a educação e o urbanismo são ciências que estão diretamente associadas à cultura e à memória. Logo, debater sobre tais temáticas partindo dos filmes escolhidos, contribuiu para a formação não só dos organizadores, mas também dos outros participantes do evento, produzindo um espaço de troca de saberes e compartilhamento de vivências autobiográficas, evidenciando a potência da extensão na mobilização social.

Vale ressaltar que existe uma variedade enorme de produções audiovisuais que tratam das questões urbanas e das implicações nas comunidades que se estabelecem nesses espaços, por isso, torna-se inevitável articular a continuidade de ações semelhantes a que foi promovida no cine-debate relatado, fabulando futuros possíveis a partir do cinema e tomando as memórias de grupos sociais negros e indígenas como centralidade das narrativas. Sendo assim, nossa intenção em continuar construindo encontros que busquem a influência da memória e das culturas na formação dos espaços, bem como pensar junto com sujeitos diversos, uma educação mais horizontalizada, interseccional, que consiga repensar estruturas de poder e gerar transformação social, se manifestará em outras ações futuras dentro do projeto de extensão.

Referências

- A RODA.** DIREÇÃO E ROTEIRO: JUH ALMEIDA. TRILHA E NARRAÇÃO: LARISSA LUZ. AFROPUNK BAHIA, 2021. 2 MINUTOS. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WmuzU-dEFcE](https://www.youtube.com/watch?v=wMuzU-dEFcE). ACESSO EM: 14 JUN. 2022.
- BOCK, ANA MERCÊS BAHIA; FURTADO, ODAIR; TEIXEIRA, MARIA DE LOURDES TRASSI. **PSICOLOGIAS: UMA INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA.** SÃO PAULO: SARAIVA, 2008.
- COSTA, PATRICIA MANESCHY DUARTE DA; SANTOS, SONIA REGINA MENDES DOS. **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: SEU FAZER E SEU PENSAR EM UMA PERSPECTIVA CULTURAL.** 2015. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://WWW.AEDB.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2015/04/31817272.PDF](https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/04/31817272.pdf). ACESSO EM: 18 MAIO 2022.
- GUIMARÃES, ANDRÉA LETÍCIA CARVALHO. OS TERREIROS COMO ESPAÇO DA DIFERENÇA: ANÁLISE SOBRE AS INTERVENÇÕES DO ESTADO NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA. **REVISTA CALUNDU, [S. L.], v. 2, n. 1, 2018.** DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://PERIODICOS.UNB.BR/INDEX.PHP/REVISTACALUNDU/ARTICLE/VIEW/9601](https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/9601). ACESSO EM: 21 MAIO 2022.
- HAESBAERT, ROGÉRIO. DO CORPO-TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO-CORPO (DA TERRA): CONTRIBUIÇÕES DECOLONIAIS. **GEOGRAPHIA, v. 22, n.48, 2020.** DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://PERIODICOS.UFF.BR/GEOGRAPHIA/ARTICLE/VIEW/43100/24532](https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100/24532). ACESSO EM: 21 MAIO 2022.
- LEFEBVRE, HENRI. **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO.** TRAD. DORALICE BARROS PEREIRA E SÉRGIO MARTINS. 2006. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://GPECT.FILES.WORDPRESS.COM/2014/06/HENRI_LEFEBVRE-A-PRODUC3A7C3A3O-DO-ESPAC3A7O.PDF](https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-producao-do-espaco-do-espaco.pdf). ACESSO EM: 21 MAIO 2022.
- MELLO, IVONE MAIA DE. **ANEXO II - APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO CINEMA: SUBJETIVIDADE, CULTURA E PODER.** UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2011.
- NUNES, A.; RIBEIRO, L. **IFCINE: REFLEXÕES SOBRE CINEMA E EXTENSÃO.** 2017. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://DSpace.UNILA.EDU.BR/BITSTREAM/HANDLE/123456789/3675/SEURS_120-125.PDF?SEQUENCE=1&ISALLOWED=Y](https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3675/SEURS_120-125.pdf?sequence=1&isAllowed=y). ACESSO EM: 17 MAR. 2022.

NASCENTE. 2020. DIREÇÃO E PRODUÇÃO: SAFIRA MOREIRA. 5 MINUTOS.

NÃO FALAREMOS SOBRE O FETICHE EM NÓS. DIREÇÃO CRIATIVA: BÁRBARA FUENTES, STEFANY BARROS, LILO OLIVEIRA, PHILIPPE RIOS, THEO ZAGRAE E PEDRO BONN. EDIÇÃO/MOTION/FINALIZAÇÃO: JONAS FEITOSA. NARRAÇÃO: TATIANA HENRIQUE. 1 MINUTO. 2021. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KTP76XEMMU&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=KTP76XEMMU&t=3s). ACESSO EM: 14 JUN. 2022.

MATOS, FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE. **SALVAGUARDA SAMBA JUNINO.** SALVADOR, 2020. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://WWW.CULTURAFGM.SALVADOR.BA.GOV.BR/IMAGES/SALVAGUARDA/SAMB
A_JUNINO_-_PLANO_DE_SALVAGUARDA_1.PDF](http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/images/salvaguarda/samba_junino_-_plano_de_salvaguarda_1.pdf). ACESSO EM: 19 MAIO 2022.

SAMBA JUNINO - DE PORTA EM PORTA. DIREÇÃO: FABÍOLA AQUINO E DAYANE SENA. FINANCIAMENTO: FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS (FGM). PRODUÇÃO: OBÁ CACAUE PRODUÇÕES. BRASIL, 2020. 55 MINUTOS. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZFLV66VG_SA&t=147s](https://www.youtube.com/watch?v=ZFLV66VG_SA&t=147s). ACESSO EM: 14 JUN. 2022.

SANTOS, ANTONIO BISPO. SOMOS DA TERRA. **PISEAGRAMA,** BELO HORIZONTE, NÚMERO 12, P. 44 - 51, 2018.

SANTOS, RODRIGO DOS. **FILOSOFIA AFRICANA E ETNOFILOSOFIA: UMA ABORDAGEM DA CONCEPÇÃO DE PAULIN HOUNTON DJI A PARTIR DO BARAPERSPECTIVISMO.** UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2006. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://PERIODICOS.UNB.BR/INDEX.PHP/DASQUESTOES/ARTICLE/VIEW/16211/
21324](https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/16211/21324). ACESSO EM: 23 MAIO 2022.

SILVA, DENISE FERREIRA DA. **A Dívida Impagável.** SÃO PAULO, 2019. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://CASADOPOVO.ORG.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2020/01/A-DIVIDA-IMP
AGAVEL.PDF](https://casado povo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf). ACESSO EM: 19 MAIO 2022.